



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO - JORNALISMO
MEMÓRIA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

ERIC LUIS VALTRUDES DE CARVALHO MIRANDA

**LIVRO REPORTAGEM “FANATISMO ORGANIZADO”
A RIVALIDADE ENTRE AS DUAS MAIORES TORCIDAS
ORGANIZADAS DE FUTEBOL DA BAHIA**

**SÉRIE DE REPORTAGENS QUE TRAÇA UM RETRATO DA RELAÇÃO DA
VIOLÊNCIA COM AS DUAS PRINCIPAIS TORCIDAS ORGANIZADAS DO
FUTEBOL BAIANO**

Salvador
2010.1

ERIC LUIS VALTRUDES DE CARVALHO MIRANDA

**LIVRO REPORTAGEM “FANATISMO ORGANIZADO”
A RIVALIDADE ENTRE AS DUAS MAIORES TORCIDAS
ORGANIZADAS DE FUTEBOL DA BAHIA**

**SÉRIE DE REPORTAGENS QUE TRAÇA UM RETRATO DA RELAÇÃO DA
VIOLÊNCIA COM AS DUAS PRINCIPAIS TORCIDAS ORGANIZADAS DO
FUTEBOL BAIANO**

Memória do Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (Facom/Ufba), apresentada como requisito à obtenção do diploma de graduação.

Orientador: Prof. Dr. Fernando
Conceição

Salvador
2010.1

Este trabalho é dedicado a todos os verdadeiros torcedores; reis das arquibancadas,
heróis do cimento.

AGRADECIMENTOS

Ao PBE: Raimundão, Marllon, Vinicius, Everson, Cleverson, Diego, Gabriel e todos os outros eternos irmãos, por nossa história.

Aos amigos de CPM, pelos inesquecíveis e vitoriosos anos.

Aos queridos faconianos: os eternos calouros, os grandes veteranos, os companheiros de Rádio Facom, os funcionários e especialmente ao CFC: Roca, Matheus Feitosa, Thiago Pereira, Alan Botelho e aos 2005.2, por tudo o que dividimos nesta jornada.

A João Eça, doutor do povo, por provar que jornalismo é oposição e o resto é armazém de secos e molhados.

Aos amigos de Itapoan Online: Glauber Mateus e Marcos Zurck pela confiança. E todos os demais e não menos importantes: Angelo Gonzalez, Vivianne Ramos (bizunga querida!), Arysa Souza, Ítalo Oliveira, Yuri Barreto, Camila Paranhos, Maria Paula Almada e demais, pela troca de experiências e principalmente pela verdadeira amizade construída.

Aos amigos de Sindimed: Ney Sá, Francisco Magalhães, José Caíres, Nautilia Machado e demais funcionários, pelo aprendizado.

Aos mestres, pelo conhecimento jornalístico e amizade, especialmente Fernando Conceição, Mauricio Tavares, André Setaro e Washington Souza Filho.

A Lédio Carmona pela oportunidade ímpar, aos amigos de Tempo Técnico e demais amigos blogueiros que através do Receptáculo tive a honra de conhecer.

Aos twitteiros que me agüentam todos os dias, especialmente à turma do Asza, @Leoeki, @zuba_ortiz, @_tatib, @loli_cruz, @newntonsanches e o companheiro faconiano @edimario

À tia Graça Lobo, pelo afeto e orações; e a Carol pela amizade e empréstimo da mãe

querida.

À Alana Cafezeiro, flamenguista mais querida, pelo carinho imensurável e incentivo mais que necessário na reta final.

À Sandra Caroline por confirmar que para o amor não existe distância

À Fernanda Varela, pelo amor irrestrito e tia Rosana por todo afeto;

À Anna Larissa, meu porto-seguro, pelo amor-irmão;

À minha madrinha Sinai Moura, pelo eterno carinho;

À minhas primas, Silvia, Scheila, Isamara, Louise, Lorena, Larissa, Vitória e Ana Clara (companheira de todas as horas), queridas irmãs de um filho único, assim como o pequeno Denzel;

Aos meus tios, Raimundo, Roberto e Ricardo, pelo exemplo de grandes homens, honestos e íntegros;

À minha tia Bárbara, pelas risadas e eterno incentivo;

À minha mãe Zani e a minha avó Aida, por tudo;

Ao meu saudoso avô Manoel, por ter me passado a paixão pelo futebol e por tudo o que representou para mim;

E infinitamente muito obrigado, a todos que de alguma forma estiveram e estão envolvidos na minha história. Pessoas das quais creio também serem merecedoras de estarem nestas linhas: Louise Lobato (e todo seu amor!); Relber Judson, Layz Costa, Fernanda Caldas; Davi Boaventura; Inês Caroline; Taciana Gacelin, Carina Gazzar, Juliana Souza, Juliana Montanha, Wendell Wagner, Rebeca Bastos, Jane Evangelista, Jorge Gauthier, Anderson Sotero, Renata Freitas, Bárbara Lisiak, Renato Cordeiro, Michele Calazans. A sempre atenciosa equipe da assessoria de comunicação do Ministério Público Estadual, promotores, diretores de organizadas, pesquisadores e demais fontes. Giovandro Ferreira Marcus, Valter e Eduardo. Breno Fernandes, Felipe Paranhos,

Emerson Nunes, Raul Monteiro, Guilherme Zwetch, Rafael Santana, Lucas Frões, Diego Mascarenhas, Mário França, Angelino Souza, Manassés, Jader Marcel, Moari Castro. Moacir Maia, Tército Peralva, Suian Letícia, Diego Castilho, Fernando Serra, Diego Martins, Carlos Silva Rocha, Leiliane Maia, Everton Dom Cajado, Edgar Manoel, André Luis Figueiredo, Hildenato Oliveira Jr., Anderson Aguiar, Alan Freitas, Bruno Teles, Danilo Teles, João Gabriel Araújo (que mesmo no céu, vive!), Laudemir, Aniverson. Carlos Lobo, Mairam Lobo, Nilzete Aquino, Rose e Cesinha, Nirinha. Beata, Neném e vó Bil (em memória). Aos amigos que já encontrei ao nascer, pela ajuda na minha formação; e todos, ainda que não citados, que nestes 23 anos sempre fizeram questão de deixar claro que estavam presentes sempre que necessário. A vocês, responsáveis por um pedaço desta vitória, o meu sincero muito obrigado.

“Não há nada menos vazio do que um estádio vazio. Não há nada menos mudo do que as arquibancadas sem ninguém.”

(Eduardo Galeano, *Futebol ao sol e à sombra*)

RESUMO

Com o projeto de caráter experimental *fanatismo organizado* – série de reportagens apresentadas em um livro sobre as duas maiores torcidas organizadas do estado da Bahia – tenho a intenção de apresentar mais um espaço de informação jornalística e de debates relacionados ao mundo do futebol, em especial ao que acontece nas arquibancadas e além dos muros dos estádios baianos. Aspiro contribuir para o debate sobre o crescimento da violência no esporte e ainda mais na busca se não pela solução, ao menos, pela amenização do problema, fazendo isto, através da prática de uma paixão tão nobre quanto a de um torcedor pelo seu time, a paixão pelo jornalismo.

O projeto parte de uma aproximação teórica a noções de sociologia, ciência que ao longo dos anos se aprofundou nos estudos sobre o comportamento de indivíduos na sociedade, e no caso específico, dedicando muitos de seus estudos a analisar aqueles que a priori deveriam ser meros espectadores, ainda que livre para demonstrar seus sentimentos, desde que não através da violência, o torcedor. O livro que representa o produto prático do trabalho de conclusão de curso deve ser encarado como um estágio experimental para uma posterior implementação da versão definitiva, depois de superadas as deficiências e incorporadas sugestões de especialistas.

Palavras-chaves: Torcida Organizada; Torcedor; Jornalismo esportivo; Esportes; Futebol; Série de reportagem; Livro-reportagem.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 –APRESENTAÇÃO | 11 |
| 2- O TEMA | 12 |
| 2.1 – O FUTEBOL E O TORCEDOR – “HEI DE TORCER ATÉ MORRER”..... | 12 |
| 2.2 – TORCIDAS ORGANIZADAS - FANATISMO E VIOLÊNCIA..... | 14 |
| 2.2.1 – No Mundo..... | 15 |
| 2.2.2 – No Brasil..... | 18 |
| 2.2.3 – Na Bahia..... | 24 |
| 3- OS MEIOS | 29 |
| 3.1 – A MÍDIA E A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL..... | 29 |
| 3.1.1 – A relação imagem x violência..... | 29 |
| 3.2 – ESCOLHA DO FORMATO LIVRO REPORTAGEM..... | 33 |
| 4 – PRODUTO | 35 |
| 4.1- FILOSOFIA EDITORIAL..... | 35 |
| 4.2- PÚBLICO-ALVO..... | 36 |
| 4.3 - PROFISSIONALIZAÇÃO DO PROJETO..... | 37 |
| 4.4 – ASPECTOS TÉCNICOS E DIFICULDADES..... | 37 |
| 4.5 – CAPÍTULOS..... | 39 |
| 4.5.1 – "O terror vai começar"..... | 39 |
| 4.5.2 - "Nosso Bonde é só lazer"..... | 40 |
| 4.5.3 - "Sai do chão, a maior do Nordeste"..... | 40 |
| 4.5.4 - "Pula no estádio troca tapa e sai cantando"..... | 40 |
| 4.5.5- "Maior da capital, notícia na tv, na capa do jornal"..... | 41 |
| 4.5.6- "Irmãos de sangue cantando esse refrão"..... | 41 |
| 4.5.7 - “Bonde sinistro, disposição: tem faca, caseira, pistola e rojão”..... | 41 |
| 4.5.8 - “Se bater de frente eu vou ser seu pesadelo”..... | 42 |
| 4.5.9 - "Todo ‘imbatível’ é irmão”..... | 42 |
| 4.5.10 - "Quem segura o porta estandarte tem arte”..... | 43 |
| 5- CONCLUSÃO | 44 |
| 6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 47 |



Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Faculdade de Comunicação (Facom) – Jornalismo

Fanatismo Organizado
A rivalidade entre as duas maiores torcidas organizadas do futebol da
Bahia

Projeto Experimental de conclusão da habilitação em Jornalismo
na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia
[Memorial]

Realização: Eric Luis Valtrudes de Carvalho Miranda
Orientação: Prof. Fernando Conceição

1 – APRESENTAÇÃO

Ao entrar na universidade já tinha em mente que seria o jornalismo esportivo o meu principal foco de atuação devido às afinidades e paixão pelo tema esportes, sobretudo o futebol, característica cultivada desde a infância. Ainda que ao longo destes cinco tenha militado por outras especialidades da área, tão apaixonantes quanto a esportiva, como o jornalismo político e literário, foi ainda no terceiro semestre do curso, no ano de 2006, onde decidi que o mundo das torcidas organizadas de futebol seria o meu objeto de análise para o trabalho de conclusão de curso. Durante reunião de pauta do Jornal da Facom, à época capitaneado pelo professor Fernando Conceição, sugeri como pauta uma reportagem sobre o crescimento da violência entre torcedores organizados no estado da Bahia. O então editor chefe questionou se esta violência de fato acontecia no estado, fato que comprovei citando a morte de um torcedor ocorrida quatro meses antes. A matéria produzida em parceria com o colega Felipe Paranhos foi publicada na edição no quatro do JF, primeira do semestre 2006.2, com o nome de “Futebol Arruaça” e se tornou um ponto de partida para o desenvolvimento deste projeto de conclusão da habilitação em jornalismo.

Ao longo do curso a idéia foi sendo amadurecida até ser apresentada no sexto semestre na disciplina de desenvolvimento do pré-projeto. Originalmente, a idéia era de reportar a violência entre as torcidas organizadas de futebol de forma comparativa na Bahia e no estado do Rio Janeiro.

No entanto, a partir de análises e interrogações, com a ajuda da professora Lia Seixas e do orientador Fernando Conceição, cheguei à conclusão de que a comparação não se fazia necessária e ainda abriria um leque muito grande de respostas que deveriam ser apresentadas, a começar pela escolha do Rio de Janeiro e não São Paulo, que possui as maiores organizadas do país, além daquelas com fama de serem as mais violentas. Decidi por reportar apenas a situação da Bahia, escolhendo a principal organizada de cada um dos dois maiores times do estado. Para tanto, usei como ponto de partida, o ano de 2006, onde foi registrada a primeira morte considerada diretamente ligada à violência entre torcidas organizadas no estado.

2- O TEMA

2.1 – FUTEBOL E O TORCEDOR – “HEI DE TORCER ATÉ MORRER”

As justificativas para desenvolver esta série de reportagens relacionadas a torcidas organizadas de futebol na Bahia se dão, principalmente, pelo crescimento da necessidade de se debater este relevante tema na nossa sociedade. No entanto, antes de entrarmos na relação entre a violência e o futebol, é preciso tentar entender outra, a relação deste esporte com o torcedor. Certa feita, um anônimo inglês disse que “o futebol é a coisa mais importante das menos importantes.” Para escritor e apaixonado torcedor do Fluminense, Nelson Rodrigues, o torcedor, é o “homem que ama o clube e se entrega a ele, vivendo o destino dele num match. Só que esse destino do clube num match, é o destino do torcedor num match. Não há como fugir dele.” As palavras de um dos papas da crônica esportiva brasileira demonstram muito bem a relação construída pelos torcedores com seus times de coração ao longo dos anos. Em todos os países do mundo, e não só no Brasil, o considerado país do futebol, o relacionamento entre o torcedor e a entidade escolhida por ele para torcer é de devoção, paixão e amor eterno. O jornalista Mário Filho, que dá nome ao maior estádio de futebol do país, o Maracanã, escreveu certa feita que “é mais difícil de amar a um clube do que a mulher” e é também Mário quem diz, “um clube nunca se entrega a um torcedor, é o torcedor que se entrega ao clube ou ao amor do clube.” Tanto Mário, quanto Nelson e uma infinidade de outros escritores que se debruçaram sobre esta relação chegaram a uma mesma explicação. Talvez até por serem os próprios grandes exemplos. Quando o torcedor escolhe determinado time, esta devoção é levada para toda vida. O surgimento da noção de torcedor de futebol caminha praticamente lado a lado com o surgimento do próprio esporte.

Manifestações torcedoras sempre se fizeram presente em partidas de futebol. A primeira forma dessa manifestação, por exemplo, é denominada, por alguns pesquisadores, de torcidas voluntárias. Torcidas que, no início da nossa história do futebol, se reuniam única e exclusivamente em consequência dos jogos e tinham como elemento unificado a paixão, ou a simpatia, que nutriam por um ou por outro clube (CORREIA SOBRINHO: 1997, p. 02).

A devoção do torcedor baiano sempre foi exaltada no país, como uma das principais. Considerado pelos críticos como o ópio do povo, o futebol sempre foi abraçado praticamente de forma religiosa pelo povo da região, a mais pobre do país. No de 2007, quando o Esporte Clube Bahia disputou a terceira divisão do futebol nacional, pior momento dos seus então 76 anos de fundação, o clube de torcida apaixonada teve a maior de público do país, entre as séries A, B e C do Campeonato Brasileiro. O clube teve a estupenda média de 40,4 mil torcedores por jogo. Naquele ano, o Bahia chegou a levar 60 mil torcedores a um jogo contra desconhecido Crac da cidade de Catalão, em Goiás. A explicação para o título de campeão de média de público entre todas as divisões não poderia ser atribuída ao preço dos ingressos, já que naquele ano, acompanhar o Bahia na Fonte Nova custava entre R\$ 10 e R\$ 30, preços que seguiam a média da maior parte dos clubes brasileiros. Tampouco as acomodações do estádio, uma vez que a Fonte Nova não primava pelo conforto, chegando a ponto de neste mesmo ano, abrigar a maior tragédia da história do futebol brasileiro, quando um degrau da arquibancada cedeu, vitimando, de forma fatal, sete pessoas. Outro fator que não poderia explicar a façanha era o alto poder aquisitivo da população, já que em 2007, a Bahia foi o 15º estado em PIB per capita. A única explicação para tanto foi a imensa paixão do baiano pelo futebol. A devoção pelo clube transcende condições financeiras, dirigentes incompetentes e mal intencionados e até mesmo péssimas equipes. Afinal ser torcedor, é mais do que vibrar com os êxitos do seu time. É chorar as derrotas, se emocionar com um gol no último minuto acreditar sempre. Ser torcedor é nutrir um sentimento que somente a paixão pelo futebol explica. Porém, esta paixão pelo futebol é algo que nada explica.

Por isso, além de informar sobre os acontecimentos dos últimos quatro anos envolvendo torcidas organizadas e a violência, o livro *Fanatismo Organizado* também tem o objetivo de ser uma ode ao verdadeiro torcedor, organizado ou não. O torcedor que é um ser movido a emoção, mas sem nunca deixar de ser razão.

Durante o período de pesquisa, que posso considerar, desde a primeira matéria sobre o tema, ainda em 2006, freqüentei estádios baianos na capital e no interior. Conheci torcedores apaixonados, devotos, que vivem para o seu time, mas sem nunca deixar de respeitar o rival. Tive contato com casais, famílias, amigos, que dentro do estádio se separavam para viver sua paixão individual, ainda que altamente coletiva. Mas também conheci gente que decidiu fazer de uma paixão, fachada para outros objetivos. E dos mais diversos. Pessoas que se orgulhavam de uma filosofia de “vida

louca”, como costumam dizer, com drogas, vícios e crimes, e que resolveram se esconder atrás da face do mais nobre dos heróis do esporte, o torcedor.

2.2 – TORCIDAS ORGANIZADAS - FANATISMO E VIOLÊNCIA

O autor brasileiro, Luiz Henrique de Toledo condiciona a percepção do fenômeno aos desenvolvimentos históricos e culturais de cada país, o que enriquece a abordagem e a afasta de uma visão reducionista. Haveria, no entanto, duas configurações históricas esquemáticas de torcidas européias. A primeira se irradiou a partir da Inglaterra, em fins da década de 1960, e estendeu seu arco de influência sobre a Europa setentrional, em especial sobre a Alemanha, além de ter atingido o norte da França. Sua formação social é homogênea, sua coesão interna é bem acentuada e associa-se com maior intensidade aos contingentes juvenis do proletariado. Seus membros são de difícil localização no cotidiano e avultam apenas nos dias de jogos. Já o segundo modelo foi difundido na Itália durante a década de 1970 e sua propagação se deu em maior grau na Europa meridional, com destaque para a Espanha e para o sul da França.

Com um tecido social menos uniforme e com uma composição mais híbrida, as torcidas latinas procuraram se congregam através da institucionalização. A distribuição territorial em grupos e subgrupos, a veiculação de revistas próprias e a ritualização de certas práticas permitiram-lhes uma maior integração na sociedade. Apesar de sua grande influência, o caso inglês não seria um paradigma irreduzível a que todas as demais deveriam se sujeitar. A eleição de novos focos de pesquisa contribuiria para o enriquecimento deste ponto, sejam os *ultras* franceses, sejam os *tifosis* italianos, sejam os *barra-bravas* argentinos, sejam as torcidas jovens cariocas. (TOLEDO. Luiz Henrique, 1996)

2.2.1 – No Mundo

A violência ao redor do futebol não é acontecimento novo e há exemplos na história do futebol brasileiro e mundial (Murphy, Williams e Dunning, 1994:39-70) de atos de extrema violência entre torcedores. Os primeiros relatos de violência datam de

praticamente do mesmo período da regulamentação do esporte. Já em 1890, apenas 27 anos após, a fundação da Associação de Futebol da Inglaterra, que regulamentou a prática, o jornal londrino *The Times* já noticiava casos de violência: “Nossos holligans vão de mal a pior, e o pior é que se multiplicam. Eles são a excrescência monstruosa da nossa civilização. Segundo, Gilberto Agostinho, o termo *hooligan*, teria surgido como referência a uma família irlandesa (*houliham*) que viveu em Londres na era Vitoriana e famosa por sua insociabilidade. Posteriormente, o sentido da expressão foi deslocado para designar uma gangue que passou a controlar áreas do submundo londrino, indo então para as torcidas violentas, sendo considerado um movimento histórico da década de 1960. Definido como um catalizador de grupos alheios ao esporte, como os *skinheads*, de origem proletária, que vislumbraram no futebol um meio de expressão de sua insatisfação social e até de enfretamento com as instituições totais.

Mesmo com os primeiros registros ainda no século XIX, foi apenas na metade do século XX que a relação entre a violência e o futebol passou a incomodar as autoridades na Inglaterra. Entre os anos de 1946 e 1959, foram registrados 138 incidentes de alta intensidade nos estádios ingleses. Mas, foi nas décadas seguintes que o *hooliganismo* assumiu o status de problema social. Este momento, nos anos 50 foi de muita importância para a modernização do futebol inglês, com contratação com a televisão, melhorias estruturais e transferências milionárias de jogadores, situações que contribuíram para uma mudança na realidade inglesa que permitiu a valorização do nacional em relação ao local. Desta forma, cantos, slogans e símbolos das torcidas também passaram a atingir uma escala cada vez maior, exaltando antagonismos e ampliando a arena de confronto, antes representada potencialmente pelo campo de jogo. (AGOSTINHO. Gilberto, *Vencer ou Morrer*, 2004: 235)

Neste contexto inglês surge uma peça importante na transformação do torcedor europeu ligado à violência, a relação destes com a extrema direita. A partir da década de 80, os torcedores do Liverpool FC disseminaram a cultura *End*, expressão que dava nome à parte do estádio, onde se localizam os torcedores mais exaltados do time inglês. A cultura *End*, tinha como representação simbólica a conquista de espaços. Os seguidores da cultura *End* eram chamados de *Kope*, em referência a uma batalha da Guerra dos Bôeres, eram contestadores não só em relação ao futebol, mas em relação à sociedade, com ideais de extrema direita, cultuando a virilidade, a xenofobia e o

racismo. Agostinho diz que: tendo como plano de fundo a política neoliberal de Margaret Thatcher e o declínio do proletariado inglês, o hooliganismo devolveu diferenças perdidas ou relegadas entre os trabalhadores, estabelecendo novas formas de sociabilidade e acirrando desigualdades e hostilidades entre as torcidas.

Outros clubes ingleses como o Chelsea e Newcastle United, primeiros a adotaram estas ligações, passaram a ter entre seus torcedores adeptos deste pensamento de extrema-direita. Logo, a situação passou a ter relevância fora da Inglaterra, uma vez que os hooligans passaram a imprimir a sua realidade em diversos clubes ingleses e quando estes atuavam fora dos domínios do país, eram seguidos por muitos destes torcedores radicais.

A tragédia do estádio Heysel, na Bélgica, em 1985, que deixou 39 mortos e 454 feridos, após tumulto na final da Copa dos Campeões entre Juventus da Itália e Liverpool da Inglaterra foi um divisor de águas na forma do europeu encarar a situação da violência entre torcidas. Torcedores ingleses retiraram a barreira que dividia as torcidas e Naquele dia, ao final do jogo, foram apreendidas dezenas de bandeiras com suásticas e inscrições do tipo: “A Inglaterra para os ingleses” ou “A Europa para os ingleses.” A postura dos torcedores ingleses tomados por estes sentimentos radicais nacionalistas em muitos momentos se assemelhava à de verdadeiros militares em guerra. Enquanto isso, a violência já se fazia presente em inúmeros países europeus e a denominação hooligan passou a ser empregada para caracterizar torcedores violentos de outras nacionalidades.

Na Alemanha, grupos radicais de extrema direita ligados ao nazismo passaram a integrar torcidas organizadas. Hooligans e skinheads passaram a serem vistos nos estádios e envolvidos em arruaças e atos xenófobos de violência. Na Holanda, hooligans do Feynoord Rotterdam colocaram uma bomba na tribuna de honra do Ajax Amsterdam, por considerarem o clube como representante da comunidade judaica. Dezenove pessoas ficaram feridas, sendo nove em estado grave. Nas arquibancadas a provocação prosseguiu com assobios imitando o barulho do gás, numa nítida alusão ao Holocausto. Na Hungria, protestos contra o MKT, clube de judeus, espalharam o sentimento anti-semita pelo país. Nas arquibancadas se ouviam cânticos contra judeus.

2.2.1.1 – O preconceito italiano

Na Itália, país que sempre contou com uma liga forte e com grandes jogadores de reconhecimento internacional, a violência no esporte também se fez presente e desde muito cedo. Logo após o fim da II Guerra, torcidas organizadas com integrantes conservadores e de integrantes de pensamentos comunistas levaram as diferenças de sociabilidade para o esporte e passaram a se confrontar. Torcedores do A.C.Milan, um dos mais tradicionais do futebol mundial, tinha forma de agir semelhantes aos *Kopes* ingleses. Torcedores com o mesmo ideal político passaram a se associar e diferente do caso inglês, sem necessariamente pertencerem a uma mesma classe social, permitindo associações em grandes números. No fim dos anos 70, as hostilidades cresceram e verdadeiros arsenais de guerra passaram a ser apreendidos nos estádios. Desde facas e barras de ferro, a foguetes, geralmente lançados contra os adversários. Alinhados como a linha política da época, estes grupos organizados de torcedores passaram a se autodenominar *Brigadas*, em alusão às Brigadas Vermelhas, importantes meios de reconstrução do cenário político italiano naquele momento.

O clube italiano que se tornou o principal “líder” dessas manifestações radicais de seus torcedores foi a *Lazio*, entidade historicamente ligada ao facismo. O clube conta com um grupo de torcedores chamados de *Irriducibilu (Irredutíveis)*, que ocupam um das curvas do estádio Olímpico de Roma, de onde expulsaram (com atos de violência) outros torcedores do próprio clube que não concordavam com as atitudes. Os *Irriducibilu* empenham bandeiras com grandes suásticas, faixas provocativas contra negros, judeus e italianos do sul e sempre entoando cantos facistas. O clube do *Napoli*, da região sul da Itália e da *Roma*, com ligações históricas à esquerda, sempre foram os principais alvos dos radicais da *Lazio*. Os italianos de *Napoli*, sofreram tristes humilhações ao longo da sua história, graças ao preconceito, sobretudo de torcedores da *Lazio*. *Quando o sul do mundo comete a ousadia de saltar a fronteira (que divide norte e sul) e se mete onde não se deve, o norte lhe recorda, a pauladas, qual é o seu lugar* disse o escritor Eduardo Galeano, para lembrar das atrocidades cometidas pelos torcedores do norte, que recebia o time do sul aos gritos de “*Napolitanos, bem vindo à Itália*” ou “*Vesúvio, contamos contigo*”, em referência ao rio que corta a cidade de Napoli, além do mais repugnante: “*Que mal cheiro, até os cães fogem, os napolitanos estão chegando. Oh coléricos, terremotados com sabão nunca lavados. Nápoles merda, Nápoles cólera, ès a vergonha de toda a Itália.*” O preconceito expressado através do

cânticos demonstra a importância destes na sociedade truculenta dos radicais hooligans. A verbalização aparece com o status de prelúdio das atrocidades.

2.2.1.2 – Os *barrabravos* argentinos

Desde o começo do século XX, a Argentina passou a ter noticiados casos de violência entre torcedores, chamados no país sulamericano de *barrabravos*. Pesquisas feitas por jornalistas no fim dos anos 50 davam conta que 12 pessoas haviam sido assassinadas em estádios argentinos em decorrência do confronto entre torcedores. Contudo, a grande massa argentina apaixonada por futebol também sempre se mostrou atentas com os rumos do seu país e usou sempre que possível o futebol como forma de manifestação. Durante o período da ditadura argentina, muitos torcedores faziam das arquibancadas são palcos de manifestações e estima-se que muitos estádios foram abrigos de crimes políticos. Mas foram também deles que surgiu o grito de esperança do povo argentino, durante a Copa do Mundo de futebol realizada no país em 1978, se pode ouvir o povo cantarolar nas arquibancadas: *Vai acabar! Vai acabar! A ditadura militar.*

No entanto, com o fim da ditadura e o estabelecimento da nova ordem política argentina, as manifestações políticas dos torcedores que lutaram contra o regime cessaram, mas os *barrabravos* continuavam espalhados e controlando torcidas organizadas. A maioria deles, ainda mantinha relações com extremistas de direita.

2.2.2 – No Brasil

Os primeiros grupos de torcedores uniformizados começaram a aparecer no final da década de 30. Nesta época passaram a se destacar as figuras dos torcedores símbolos. Estes torcedores eram como uma espécie de comandante dos demais torcedores e gozavam de muito prestígio na imprensa. A rivalidade baseava apenas em fazer uma festa mais bonita do que a do adversário nas arquibancadas. A única intenção do torcedor organizado era incentivar o seu time. As festas eram feitas ao som de batucadas e muitas bandeiras. Segundo dados históricos, o Flamengo foi o primeiro clube do país a ter seus torcedores equipados com uniformes e músicas.

A prática foi bem recebida pelos demais clubes que passaram a financiar estas torcidas. A primeira organizada de São Paulo foi chamada de Grêmio São-Paulino e foi fundada em 1939. Até os anos 60, as torcidas uniformizadas estavam diretamente ligadas aos torcedores símbolos. Na época, além dos times, as torcidas também estavam vinculadas com alguma organização institucional do futebol, seja ela federação, dirigentes ou até mesmo político. Estes torcedores acompanhavam o time onde quer que este fosse e planejavam grandes festas com antecedência. Um fato importante é que os organizados participavam de forma ativa da vida social do clube e alguns chegavam a integrar diretorias.

2.2.2.1 – Uma nova forma de torcer

A década de 70, marca a consolidação da televisão como meio de comunicação de massa e no papel decisivo da modernização e integração nacional usando entre outras manifestações, o futebol. Ou seja, a violência entre “torcidas organizadas” não está desarticulada dos aspectos político, econômico e sociocultural vivenciados nas relações individuais e grupais na sociedade brasileira contemporânea. Conseqüentemente, o estilo de vida dos jovens, aqui denominados de novos sujeitos sociais, não pode ser dissociado dos desdobramentos causados por esses traçados político-econômicos legitimados no “jogo” social. Na década de 70, o poder de mando do complexo industrial interferiu nas macroorganizações político-econômicas, provocando grandes instabilidades nas microorganizações sociais emergentes. Em outras palavras, o conflito entre os poderes econômico e social marcou a construção do espaço urbano das grandes cidades, prevalecendo o interesse do capital e, de alguma forma, esse processo interferiu, inclusive, na identidade social dos jovens que se expressam através da negação do outro (enquanto ser social), da disputa e da violência prazerosa entre os grupos rivais.

Sobre este plano de fundo esporte se tornou um verdadeiro fenômeno de massas e amparado pelo regime militar a se difundir cada vez mais pelo país. No entanto esta influência governamental faz com que o futebol torne-se um fator de agenciamento de interesses políticos, econômicos e sociais mais abrangentes (Toledo, 1996). No embalo do *milagre econômico*, torcidas organizadas começam a se consolidar. As primeiras a aparecerem nos final dos anos 60 foram a Gaviões da Fiel do Corinthians e a Torcida Jovem do Santos. Enquanto isso a democracia preparava o seu retorno – contanto

inclusive com a colaboração de algumas destas instituições, como o Corinthians que vestiu a camisa da *Democracia Corinthiana*, maior movimento ideológico da história do futebol brasileiro, onde as decisões importantes do clube eram deliberadas pelo voto, e incomodou os militares no poder. E justamente no momento de queda do militarismo, as torcidas organizadas se consolidam verdadeiramente como instituições com regras, estatutos e demais instâncias estruturais. E justamente no momento de queda do militarismo, as torcidas organizadas se consolidam verdadeiramente como instituições com regras, estatutos e demais instâncias estruturais. A Gaviões da Fiel do Corinthians abriu nas arquibancadas uma bandeira com os dizeres “anistia ampla e irrestrita”. Os líderes da torcida na época foram presos. A Gaviões, por sinal, foi a primeira torcida organizada do Brasil a ter uma estrutura administrativa interna e regida por regras estatutárias. A torcida também deu origem a uma escola de samba, e é hoje considerada uma instituição quase que independente do futebol.

2.2.2.2 – Manifestação popular ou massa de manobra?

O surgimento das organizadas levou estudiosos do comportamento do torcedor a se questionarem sobre até que ponto as torcidas seriam apenas mais uma demonstração de manifestação popular ou grupos servindo de massa de manobra para dirigentes. Na visão de alguns autores, elas serviriam como comprovação da autonomização do esporte e reivindicação do torcedor do seu lugar dentro do espaço político do clube. Nesta visão, elas teriam nascido a partir do agrupamento popular oriundo das manifestações populares da década de 70. Algumas torcidas também ganham importância no papel de combate a dirigentes mal intencionados. Já para outros autores, as torcidas organizadas são frutos da cumplicidade de dirigentes de clubes. Uma vez que muitas torcidas são financiadas por diretorias servindo como massa de manobra para disputas políticas dentro do clube. Sob esta ótica as torcidas constituem-se como fachada para que os dirigentes possam pressionar árbitros, jornalistas, jogadores do próprio time e adversários. Muitos possuem trânsito livre dentro do clube e são responsáveis por uma série de atividades ilícitas, com aquiescência e estímulo de seus próprios dirigentes. Situações como invasões de centro de treinamento, agressão à jogadores, disseminação da violência de combate e situações do gênero fazem das torcidas entidades nocivas à sociedade e com influência direta dos dirigentes.

O fato é que a associação de torcidas à gangues juvenis, adeptos da desordem urbana e depredadores do patrimônio, seja este público ou privado, nada mais fazem do que afastar do estádio o verdadeiro torcedor. Uma pesquisa realizada pelo instituto TNS Sport Brasil, em novembro de 2009, apontou que seis a cada dez brasileiros não vão a estádios de futebol por causa de torcidas organizadas. O levantamento que foi feito em todo o território nacional, comprova que 61,07% dos torcedores aprovaram o banimento das facções.

As torcidas organizadas são apontadas pelos torcedores como principais responsáveis pela violência nos estádios, recebendo 86% das citações. Dentre as cidades que receberam jogos da primeira divisão do Campeonato Brasileiro de 2010, Santos foi a líder em rejeição, com 95%, seguida de Florianópolis e Curitiba, com 91%, e São Paulo, com 87%.

2.2.2.3 – Uma bola nos pés e um triste legado

Um estudo realizado pelo sociólogo e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Maurício Murad, baseado em dados fornecidos por jornais, revistas e rádios das principais cidades do país entre os anos de 1999 e 2008 apontou que neste período, 42 torcedores morreram em conflitos dentro, no entorno ou nos acessos aos estádios de futebol. Em 99, o Brasil ocupava o terceiro lugar na comparação com outros países no número de óbitos, perdendo para Itália e Argentina. No entanto, após dez anos, o “país do futebol” se tornou o país das mortes violentas relacionadas ao esporte. O dado além de alarmante como problema social serve de alerta para a realização da Copa do Mundo de 2014, uma vez que o problema da segurança pública é da maior importância para a realização do Mundial.

A proporção de óbitos aumentou consideravelmente nos últimos cinco anos. Se considerando o período de dez anos a média é de 4,2 mortes por ano, no período entre 2004 e 2008 o número de mortos totaliza 28 e eleva a média para 5,6 mortos por ano. A proporção é ainda bem maior se contabilizados apenas os dois últimos anos: 14 mortes ocorreram entre 2007 e 2008, uma média de sete mortos por ano.

Além do crescimento do número de mortos em conflitos esportivos nos últimos anos, a pesquisa também apontou mudanças na forma desta violência. Antes, as principais causas das mortes eram por quedas ou brigas, atualmente, armas de fogo aparecem como principal fator. Outra novidade apontada foi a marcação dos conflitos e

das tocaias contra grupos de torcedores rivais por meio da internet e do site de relacionamentos Orkut.

A maior parte dos mortos eram jovens entre 14 e 25 anos, de classe baixa ou média baixa, com escolaridade até o ensino fundamental e, em geral, desempregada. E também foi constatado que, em grande parte, esses torcedores não eram ligados a práticas de violência. Apenas em 20% é que os óbitos eram de pessoas ligadas a grupos de vândalos.

2.2.2.4 – O Estatuto do Torcedor

Estatuto do Torcedor é um documento com uma série de exigências pensadas para garantir o conforto, a acessibilidade, a segurança e o respeito do cidadão que freqüenta o estádio de futebol. Promulgada em 15 de maio de 2003, a Lei nº 10.671, mais conhecida como Estatuto do Torcedor, veio responder aos anseios dos desportistas brasileiros que desejam a prevalência da ética, da moralidade e da transparência no desporto profissional, especialmente o futebol. O estatuto prevê entre outras medidas, a venda antecipada de ingressos, a numeração dos assentos no estádio, o monitoramento por imagens das arquibancadas, a assistência médica de emergência para os torcedores e compatibilidade entre a quantidade de banheiros e a capacidade da praça esportiva, além da punição por três meses por atos de vandalismo, assim como a instituição de um ouvidor público para as competições. (ESTADO DE SÃO PAULO, s/d).

Paralelamente ao Estatuto do Torcedor temos a Lei Pelé, Lei nº 9615/98, que instituiu normas gerais sobre desporto. Seu conteúdo vai no mesmo sentido moralizador do Estatuto do Torcedor e desde sua entrada em vigor foi severamente criticada por alguns dirigentes esportivos, tendo sofrido importantes modificações, a última delas pela Lei nº 10.672, de 15 de maio de 2003. A entidade responsável pela organização da competição (CBF e Federações), bem como a entidade de prática desportiva detentora do mando de jogo, foram equiparadas ao fornecedor, conforme definido no Código de Defesa do Consumidor - CDC.

A lei também estabelece a obrigatoriedade de se organizar pelo menos uma competição de âmbito nacional com sistema de disputa em que as equipes participantes conheçam, previamente, a quantidade de partidas que disputarão, bem como seus adversários. Desta forma, garante-se também que as equipes tenham atividade por pelo menos dez meses do ano, possibilitando-lhes auferir receitas e gerar empregos,

salientando-se que o esporte profissional é, por definição legal, atividade econômica. Um ponto importante do Estatuto é o artigo 19, que prescreve que “as entidades responsáveis pela organização da competição, bem como seus dirigentes respondem solidariamente com as entidades de que trata o art. 15 e seus dirigentes, independentemente da existência de culpa, pelos prejuízos causados a torcedor que decorram de falhas de segurança nos estádios ou da inobservância do disposto neste capítulo.” Evidenciando a lei da responsabilidade objetiva pela reparação do dano, já prescrita na legislação consumerista. O Estatuto interfere também na administração da entidade de prática desportiva, a exemplo do que já fazia a Lei Pelé, exigindo transparência financeira da entidade, bem como a abertura de um canal de comunicação direta com o torcedor. Pode-se afirmar que o Estatuto do Torcedor representa um avanço na organização e administração do desporto profissional.

Porém, na prática, os resultados da iniciativa ainda não foram sentidos. Desta forma, o torcedor brasileiro continua a ser desrespeitado, ainda que obrigado a pagar para ter acesso à prática esportiva. Desde as filas para compra de ingressos ao descaso enfrentado pelos estádios brasileiros em termos de infraestrutura é visível a falta respeito com o que o torcedor é tratado. Um estudo realizado, em 2007, pelo Sindicato Nacional das Empresas de Arquitetura e Engenharia Consultiva (Sinaenco) constatou deficiências em todos os 29 estádios pesquisados pelo país, atestando de forma incontestável a triste situação. Entre falhas encontradas pela pesquisas, as mais comuns foram banheiros degradados, instalações acanhadas, falta de higiene nas cantinas, vestiários irregulares, construções improvisadas, sujeira, cadeiras depredadas e obstáculos impedindo a visibilidade do campo. A estas, juntaram-se falhas graves como estruturas expostas, infiltrações nas arquibancadas e sistemas elétricos danificados. Um ponto a se destacar é o tempo de vida das praças esportivas. A maioria construída há mais de quarenta anos, por isso nos próximos quatro anos, entre 2010 e 2014, será necessária uma verdadeira revolução estrutural no país, para que este possa cumprir a missão de sediar uma Copa do Mundo.

2.2.2.5 – A morfologia do organizado brasileiro

O aumento dos atos de violência praticados pelo movimento de “torcidas organizadas” tem decorrência no surgimento dos “novos sujeitos” moldados pelo novo comportamento da sociedade. Estes são, predominantemente, jovens individualizados,

do ponto de vista da formação de uma consciência social e coletiva. Segundo pesquisas do Núcleo de Sociologia do Futebol da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, as principais características das torcidas e de seus sujeitos são: idade entre 14 e 25 anos, na maioria desempregos ou na “informalidade”; provenientes de quase todas as faixas de renda e escolaridade, em especial da chamada classe média baixa e da quinta série do ensino fundamental à segunda do ensino médio, embora haja universitários também; predomínio de homens, com 10% a 15% de mulheres; ligação com drogas, gangues urbanas e o crime organizado a partir de 1990; comunicação em rede, pela internet, treinamento em artes marciais e uso de táticas militares. A morfologia das torcidas organizadas no Brasil apresenta uma origem social difusa, heterogênea, e não se distingue por um viés ideológico claro para além da dimensão esportiva. Enquanto os *hooligans* ingleses utilizam-se do anonimato entre a multidão para burlar a inspeção policial e provocar tumultos, as torcidas brasileiras valem-se do uso de vestimentas e de todo tipo de símbolos para a sua identificação.

2.2.3 – Na Bahia

2.2.3.1 – Da rivalidade pacífica ao campo minado

Até o final dos anos 90, o futebol baiano sempre foi considerado por torcedores "comuns" e imprensa em geral, como um território pacífico. Exemplos de violência no esporte já eram noticiados há alguns anos pelo sul do país, como a tragédia do Pacaembu em 95, onde torcedores de São Paulo e Palmeiras se enfrentaram ao vivo em rede nacional, e os sempre presentes casos de violência envolvendo torcedores ingleses, mas a Bahia ainda assim mostrava sinais de imunidade. As torcidas Organizadas já existiam, entre elas, a Bamor, torcida organizada do Esporte Clube Bahia, fundada em agosto de 1978 por um grupo de estudantes do Colégio Marista, liderados por Zé Augusto, o Zé Povinho, e Oscar. Ao longo dos anos, a torcida cresceu e se tornou a principal organizada do clube, uma das principais do nordeste. No entanto em 1995 viveu sua maior crise interna. A eleição para presidente da organizada causou um racha na diretoria. Na época a direção da atual Bamor, que detém o registro da marca, criou um estatuto no qual o presidente deveria ser eleito e não escolhido. A modernização resultou em uma diretoria e conseqüentemente uma torcida mais jovem. Segundo a diretoria, a torcida tem hoje cerca de sete mil membros cadastrados, no entanto como esses dados não contam com uma atualização, é impossível a confirmação do número.

A Bamor, que já foi eleita pela Revista Placar - principal publicação esportiva do Brasil - como a maior torcida do Nordeste, tinha até o final dos anos 90 como principal "rival" a torcida Leões da Fiel, na época principal organizada do Esporte Clube Vitória.

Fundada em fevereiro de 1984, a Leões da Fiel foi por muitos anos dona do status de maior torcida organizada do Vitória e chegou a ser considerada a maior do estado. Idealizada por Carlisson Raimundo Pereira da Silva, o Carlinho, a Leões da Fiel, viveu seu maior momento em 1993, quando recebeu o prêmio de melhor torcida do Brasil pela Revista Placar. Neste mesmo ano, o Vitória chegou a final do Campeonato Brasileiro da primeira divisão, deixando pelo caminho grandes adversários, como o Corinthians. Já no final dos anos 90 a torcida começou a passar por dificuldade, até que em 2008, já muito debilitada devido a desentendimentos entre seus líderes, juntou-se a outra grande torcida do clube baiano, a Jovem Rubro Negra, e, juntas, formaram a torcida Camisa 12.

A cordialidade sempre foi marca registrada entre as torcidas dos times rivais da Bahia, um exemplo disso aconteceu no ano de 1985, quando Bamor e Falange Rubro-Negra, dividiram o prêmio de melhor torcida do estado, em uma premiação oferecida pela Federação Bahiana de Futebol e foram a campo disputar uma partida que serviu como preliminar de um BaVi da Fonte Nova.

Em outubro de 1997 sobre o pretexto de que o Vitória necessitava de "uma torcida mais atuante e que honrasse e defendesse sempre o Esporte Clube Vitória em qualquer situação, com coragem e independência" surge a Torcida Uniformizada Os Imbatíveis (TUI), idealizada por quatro rubronegros, Fábio Menezes, Rubem Marques Filho, Flávio Sá e Marcus Anunciação. A torcida nasceu de uma dissidência de membros da Torcida Jovem do Vitória, criada em 1992. Já na estréia, a torcida contava com cerca de 100 membros, todos uniformizados e cadastrados. A torcida foi ganhando cada vez mais adeptos e atualmente conta com 2.300 membros cadastrados. Com a decadência da Leões da Fiel, assumiu o posto de maior torcida organizada do Vitória. Paralelo ao crescimento da TUI, a violência passou a ser uma constante no futebol baiano, no entanto, apontar apenas o crescimento de uma torcida como principal motivo para o crescimento da violência na quarta maior cidade parece ser um argumento raso. Um levantamento realizado pelo Ministério da Saúde entre 2000 e 2004, em cidades com população superior a 100 mil, colocou Salvador entre os locais onde há maior risco

à vida por causa externa (homicídios, mortes por arma de fogo sem causa determinada, suicídios e acidentes de trânsito).

2.2.3.2 – Sustendo uma paixão

Onde quer que joguem Bahia ou Vitória, independente da região do país é comum vermos faixas de Bamor e Imbatíveis respectivamente, destacando a presença de seus integrantes. Quando o Vitória enfrentou o River Plate do Uruguai no estádio Centenário em Montevideu, a faixa da principal torcida organizada do clube estava lá, assim como seus membros. No entanto, torcer custa caro, a maioria daqueles que acompanham o seu time onde quer que estejam financiam do próprio bolso, o “vício”.

Como a maioria das organizadas pelo país, as duas principais da Bahia cobram mensalidades, vendem camisetas e demais materiais de vestuário, além de chaveiros, flâmulas, e etc, com a intenção de arrecadar fundos para a sustentação das mesmas. Bamor e Imbatíveis possuem lojas oficiais onde comercializam estes produtos. A única ligação atual com os clubes é o fato destes disponibilizaram uma cota de ingressos para serem comercializados entre os organizados geralmente, por preços abaixo do valor oficial, na maioria das vezes é cobrado a valor da meia entrada. No entanto, o presidente dos Imbatíveis garante que atualmente não há nenhuma parceria do tipo com o clube. No começo de 2010, o presidente da Bamor, Jorge Santana, fez declarações polêmicas em uma emissora de rádio. De acordo com Jorge, a diretoria do Vitória estaria “subsidiando a violência” ao fornecer somente para os Imbatíveis, cerca de 700 ingressos por jogo. A “denúncia” causou polêmica e Gabriel respondeu afirmando que em nome da independência em relação à diretoria do Vitória, a torcida não recebe nada do clube. “Não queremos nenhuma parceria com diretoria, pois sempre que preciso vamos protestar contra eles, caso alguma decisão prejudique o Vitória” disse o líder da TUI, para quem as declarações do presidente da Bamor foram “desequilibradas e invejosas”. O caso fez a diretoria do Vitória, que assim como a do maior rival, dificilmente participa do debate sobre a situação das organizadas, se manifestasse. O vice-presidente do Vitória, Carlos Falcão utilizou números para esclarecer a situação. “700 ingressos por jogo e o Vitória daria R\$ 21 mil para os Imbatíveis. Nosso clube não dá dinheiro assim para ninguém” disse Falcão em entrevista ao Jornal A Tarde, evidenciando que qualquer tipo de parceria do gênero entre time e organizada traria grandes prejuízos financeiros aos clubes, sem falar na renda que deixa de ser gerada

devido a ausência de torcedores que por temerem a ação das organizadas, deixam de frequentar estádios, número que comprovadamente cresce cada vez mais.

2.2.3.3 - Os primeiros confrontos

No entanto, os primeiros confrontos entre torcedores aconteceram antes da criação dos Imbatíveis. Os de maior relevância passaram a ocorrer a partir da criação da Torcida Jovem do Vitória (TJV), criada em 1992. Integrantes desta organizada provocavam membros da Bamor, que passaram a agir da mesma forma. Apesar de estarem sempre em menor número, os membros da TJV eram muitas vezes bastante agressivos. Entretanto, não ocorriam tantas brigas como atualmente. As confusões eram restritas aos arredores e interior do estádio da Fonte Nova e sempre rapidamente contidas pela polícia. Em 1993, no jogo Bahia 1×3 Corinthians, válido pelo Brasileiro daquele ano, a Bamor foi atacada por integrantes da torcida paulista Gaviões da Fiel ao lado do atual Bomprego da Fonte Nova com paus e pedras. Houve revide e alguns membros de ambas torcidas foram detidos.

A partir da implantação da nova diretoria, em 1995, a Bamor passou a se dividir em distritos e passou a utilizar a figura do Taz, personagem da Warner Bros, nas camisas. Os Imbatíveis, que tem como mascote a figura do Capitão Caverna, são responsáveis por trazer aos campos baianos cânticos e slogans de torcidas do eixo Rio e São Paulo. Nos últimos anos, Bamor e Imbatíveis passaram a travar verdadeiras e violentas batalhas, dentro e fora dos estádios. Pelas ruas pichações passaram a serem usadas para demarcar território. A situação já é grave em alguns bairros, onde pessoas vestidas nas cores da torcida adversária correm risco de vida. Encontros para brigas são marcados pela internet e a rivalidade que há muito já deixou o plano do esporte, parece tomar contornos incontroláveis.

2.2.3.4 – A batalha do Fazendão

No dia 20 de agosto de 2008, mais de 50 integrantes da torcida invadiram o centro de treinamentos da equipe, no Alto de Itinga, e chegaram a agredir fisicamente os jogadores. Tudo começou por volta das 16h30, quando os manifestantes forçaram a entrada do local. Os torcedores chegaram atirando pedras e soltando fogos de artifício. Renderam o porteiro e agrediram fisicamente jogadores e comissão técnica. O campo se

transformou num verdadeiro palco de pancadaria, já que os jogadores partiram para o revide em meio a socos e pontapés.

Durante o tumulto, torcedores soltaram rojões, aumentando ainda mais o clima de tensão. Até uma galinha foi solta no gramado, como protesto irônico contra o goleiro Darci, tachado por gritos revoltados de 'frangueiro'. O motivo para a violenta manifestação foi o péssimo desempenho do time na Série B do Campeonato Brasileiro. Todos os invasores terminaram na Delegacia. Dos 24 que portavam documentação, nove eram menores de idade. Anteriormente, no dia 3 de junho, os membros da mesma facção haviam aparecido no local, dia da apresentação do então novo treinador Arturzinho, e deram um prazo de "tolerância" para o time engrenar. Como a situação em campo continuou ruim, os integrantes da torcida decidiram tomar medidas drásticas agredindo os atletas.

Dois meses após o incidente, a Torcida Organizada Terror Tricolor foi proibida, por seis meses, de participar dos jogos organizados pela CBF e Federação Baiana. A decisão foi do juiz Hilton Gonçalves, atendendo a um pedido do Ministério Público Estadual, cujos promotores de Justiça, Nivaldo Aquino, Solon Dias e Ana Paula Motta, alegaram a comprovação de que integrantes da torcida Terror Tricolor invadiram o campo e agrediram jogadores do Bahia durante o treino realizado no último dia 20 de agosto. A decisão impede ainda que os integrantes da torcida utilizem qualquer artefato que estampasse o logotipo da torcida.

3- OS MEIOS

3.1 – A MÍDIA E A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL

Diante do preocupante crescimento dos índices de violência a mídia surge como um elemento de grande importância. A maioria dos “sociólogos do esporte” tece fortes críticas ao papel da imprensa brasileira sobre o tratamento dado aos casos de violência no futebol. O fato novo que são as mortes reacendeu a discussão em torno da violência no esporte e também sobre o que os pesquisadores consideram como informações desencontradas e incoerentes veiculadas pela imprensa e que contribuem para a formulação de "soluções mágicas", mas que se comprovam ineficazes, uma vez que não consideram a amplitude e a importância do fenômeno. Um dos maiores críticos das torcidas organizadas, o jornalista e sociólogo Juca Kfourri, um dos mais respeitados do país, é um dos que defendem a extinção das torcidas.

Uma das soluções que eu vejo imediata é proibir, terminantemente, o futebol com portões abertos; futebol de massa nem pensar, porque é a senha para bandidos tomarem conta do estádio. Cobrar o ingresso e cobrar caro, com cadeiras em todos os setores do estádio. Tornar o futebol um esporte para a elite, vão lá 40 mil abençoados por Deus (...). Evidentemente que não são os pobres os culpados pela violência. Os culpados pela violência, a gente conhece desde a distribuição de renda neste país, mas que infelizmente, 90% desses vândalos são do ‘lumpesinato’, são explorados, são um bando de desocupados, ou são explorados dessa gente, em regra os presidentes de ‘torcidas organizadas’ (...)(KFOURI. Juca, 2004)

A linha de pensamento defendida por Kfourri - um dos poucos jornalistas do país preocupados em estudar o problema - nos remete, apenas, a revermos as desigualdades, a inércia do Estado e a desestruturação da ordem legal, sem ao certo colocarmos em pauta o modelo de sociedade e suas trajetórias ideológicas no campo do “jogo” político-cultural, logo sem entender o processo.

3.1.1 – A relação imagem x violência

A associação entre imagem e violência está cada vez mais frequente. Uma pesquisa de uma associação norte-americana concluiu que uma criança nascida nos Estados

Unidos, antes de completar o ensino básico, já terá visto na imprensa, na TV, no vídeo, no cinema e na internet

(as comunidades intolerantes no *orkut* e o mural de recados *scrapbook*, do Google são exemplos recentes, de 2005) um somatório de aproximadamente 130 mil cenas de violência, sendo que, dessas, a parcela relativa aos assassinatos varia entre 9mil e 10 mil casos.

3.1.1.1 – O exemplo do campo

Desde o seu surgimento, o futebol sempre se mostrou como um esporte que se de certo modo abria espaço para a violência. A sobrevivência do jogo de certa maneira depende de uma espécie de equilíbrio entre um grande controle da violência, já que sem este a prática seria inaceitável para atletas e espectadores, no entanto preservando um nível elevado de disputa não violenta para a manutenção do interesse. A dinâmica do jogo é produzida por tensões controladas entre as duas equipes e é este equilíbrio é necessário para que o jogo se desenrole.

O futebol está ligado diretamente a demonstrações públicas das emoções. Quando em 1930, o Uruguai venceu sua primeira Copa do Mundo, o então presidente da Fifa, Jules Rimet, disse que *jamais havia presenciado cenas de paixão e entusiasmo como a da conquista da vitória. Quando hasteou a bandeira uruguaia, jogadores campeões mundiais e toda uma nação choravam unidos, orgulhosos daquele triunfo*. E por muitas vezes, estas emoções transformaram-se em situações de conflito transmitidas para milhares de pessoas ao vivo. Exemplos de brigões dentro do campo são noticiados desde a primeira copa do mundo até os dias atuais, ou seja, o mau exemplo não vem de hoje.

3.1.1.2– Uma dúbia relação

A imprensa em geral trata o problema da violência entre torcida de uma forma generalizada e muitas vezes sem atentar para o cerne do problema. Por isso em geral, recebe duras críticas tanto de pesquisadores como dos líderes das torcidas. No entanto, apesar as fortes críticas e tratamento empregado, a mídia exerce sobre os organizados em geral – com exceção das lideranças – um grande fascínio. Isso pode ser comprovado através de depoimentos e atitudes destes. A presença de uma câmera filmadora parece

encantar os organizados e em poucos minutos estão à frente do equipamento fazendo seus sinais, exibindo suas bandeiras e cantando seus hinos.

O presidente de uma das maiores organizadas do país, a Gaviões da Fiel, Douglas Deúngaro, fez em entrevista à pesquisadora Tarcyanie Cajueiro Santos fez um relato onde pode-se comprovar a importância do papel da mídia no comportamento do integrante da organizada. "(...) O cara é preso com uma bomba. Chega no curral toma um pau. (...) Aí, sai no outro dia na capa do jornal. Chega no outro dia, no bairro dele e no colégio, ele é o herói e arruma as minas. Ele é o exemplo pra um outro cara entrar com uma bomba outro dia, no estádio, porque não foi punido. Pelo contrário, ele ficou famoso porque a juventude hoje é assim: o cara é herói, as minas querem ficar com ele, todas as minas gostaram. Ai o outro viu: ah, vou entrar com uma bomba, vou passar no jornal, ninguém vai me prender mesmo." (SANTOS. Tarcyanie Cajueiro, 2004: 116). O discurso só reforça a tese de que, a presença da violência na sociedade é reafirmada pelo sentimento de impunidade promovido através dos meios de comunicação. Do mesmo modo, ocorre após situações envolvendo estes torcedores, como protestos, ameaças, invasões, onde geralmente ninguém é punido, mas no dia seguinte suas imagens estampam os jornais, servindo como incentivo para novas práticas do tipo. Para estes torcedores pouco importa o conteúdo da informação, se bom ou ruim, o importante é ser reconhecido, virar notícia. Cajueiro Santos recorre a Baudrillard para explicar a relação entre a violência e os *media*. Para o sociólogo francês, nossa cultura eclética nos faz vivenciar a indiferença do pior, a qual é relativada e reforçada devido à saturação de informações e de comunicações. Quanto mais a sociedade busca racionalizar e combater o mal, mais ele se enraíza entre nós. Seguindo a linha de Baudrillard, o desejo e o gosto se desfazem e em seu lugar são ressaltadas a má vontade, a repulsa e a aversão, sempre reforçadas pelas sucessivas imagens do *media*, que na perspectiva do sociólogo, acaba antecipando a violência. (SANTOS. Tarcyanie Cajueiro, *idem*).

Os meios de comunicação funcionando no atual sistema acabam formando e dissimulando comportamentos dissociativos. A contribuição da mídia, que ao mostrar a violência, constantemente pela televisão e outros meios, incita-a, na medida em que termina por inverter os papéis do espetáculo. O torcedor que deveria ser espectador se torna ator, substituindo os verdadeiros protagonistas que deveriam ser os jogadores. E assim, o espetáculo sujo dos vândalos assume o posto de evento principal.

3.1.1.3 – A supervalorização dos fatos

Os veículos de comunicação notadamente superdimensionam fatos violentos ocorridos no futebol. O jogo se torna um fator coadjuvante e a supervalorizada violência a partir da espetacularização torna-se o fato principal. Isto é fruto de uma obediência, nem sempre desprovida de oportunismo, aos padrões e critérios imediatistas e mercantilistas, hegemônicos na atualidade da mídia. A mídia tem uma grande e incontornável responsabilidade no que diz respeito não exatamente às circunstâncias e/ou práticas de violência no mundo do futebol, mas, sim, àquilo que podemos classificar como “sensação” ou “sentimento de violência”. E isso contribui para multiplicar as precondições da violência. (MURAD, Mauricio, 2006: 171).

Os meios de comunicação possuem uma função social de extrema importância e que deve ser valorizada no combate às atividades ilícitas no meio esportivo. Os torcedores violentos dificilmente deixarão de existir, a forma de avançar contra o problema é encontrar meios de contê-los. E para isso é preciso entendê-los, estudá-los e não tratá-los com superficialidade. O papel da imprensa aí ganha uma importância fundamental.

3.1.1.4– O futebol e o social: Para além dos muros da Universidade

O sociólogo Mauricio Murad defende que o futebol seja tratado como um fato social total e por isso deve ser estudado uma das vias de acesso ao entendimento das raízes mais fundas, de uma determinada realidade estrutural e de suas manifestações de maior acento e complexidade, como a violência. Por esta razão nas últimas décadas a sociologia do esporte e, sobretudo a sociologia do futebol tem expandido o seu raio de influência. É necessário produzir efeitos práticos. A atenção científica aos problemas da realidade objetiva deve-se considerar como meta na escala de prioridade e no planejamento estratégico dos sistemas de ensino superior. A segurança pública se apresenta como um dos problemas mais sensíveis e as praças esportivas tem se tornado locais de manifestações desta falta de segurança. É necessária uma vigilância constante e uma cobrança forte para que estes pensamentos saiam dos muros das universidades encontrem os responsáveis por colocarem em prática e/ou em discussão as sugestões, visões e idéias. No Brasil a força que saem de dentro das universidades se mostra cada vez mais atuante e preocupada com a situação. Pesquisadores de importância internacional, como Maurício Murad e Heloisa Reis, com serviços prestados em todo o

mundo na elaboração de políticas públicas sobre práticas violentas desenvolvem nas universidades brasileiras um relevante papel. Assim como uma geração mais nova e não menos atuante como Tarcyanie Cajueiro e Rosana Teixeira.

3.2–ESCOLHA DO FORMATO LIVRO REPORTAGEM

Escolhi desenvolver um livro reportagem devido às possibilidades viáveis do suporte, em termos técnicos e econômicos. O trabalho que na verdade se dá em uma série de reportagens fatalmente teria maiores dificuldades em outros formatos como vídeo e áudio-reportagem, uma vez que o formato impresso permite o uso de recursos variados na busca da informação, como entrevistas via internet, principal método durante a produção e via telefone.

O jornalismo impresso também fez parte da minha vida profissional tanto durante a vida acadêmica quanto profissional. Apesar de uma maior experiência na área de jornalismo online, onde pude desenvolver técnicas a partir dos estágios no portal Itapoan On Line (TV Itapoan/Rede Record), no site Política Livre e na Assessoria de Imprensa do Sindicato dos Médicos da Bahia sempre teve interesse na área imprensa. Participei durante um semestre da edição do Jornal da Facom e também da Revista Lupa Também na Assessoria de Imprensa do Sindicato dos Médicos da Bahia participou de diversas edições da Revista Luta Médica

No *Itapoan On Line*, foram quase dois anos atuando diariamente na cobertura esportiva do futebol baiano, experiência que facilitou em muito o trabalho no projeto atual. Tanto no trato com o texto, como com as fontes. Trabalho que voltei a realizar durante o momento de conclusão deste trabalho, quando passei a integrar a equipe de esportes do *Jornal Tribuna da Bahia*.

Durante as disciplina voltadas para a comunicação escrita trabalhei na produção de três matérias, entre elas a que deu ponto de partida para este projeto, *Futebol Arruaça*, em Oficina de Jornalismo Imprensa, relatando a situação da violência ligada às torcidas organizadas, tendo como ponto de partida, o mesmo deste projeto, a morte de Hermílio Ribeiro Júnior, considerada a primeira causada pelo confronto entre organizados no estado.

Já no *Sindimed* durante a produção da *Luta Médica* foi possível trabalhar o jornalismo com uma liberdade maior para a produção da reportagem, o que é

praticamente impossível de ser feito no jornalismo para web, que reconfigura as características já existentes nas mídias tradicionais, em um processo dinâmico e complexo entre os diversos produtos jornalísticos.

Pereira Lima (1993) argumenta que a principal virtude do livro-reportagem é a sua capacidade para preencher as lacunas deixadas habitualmente pela cobertura jornalística na sua abordagem do real. Portanto, a opção de escolha pelo formato ocorreu pelas potencialidades de através deste desenvolver um trabalho com a perspicácia superior na abordagem da realidade em termos de pauta, sem deixar de lado os preceitos fundamentais do jornalismo, ampliando a função comunicativa desta atividade.

O livro-reportagem é um produto cultural contemporâneo que penetra em campos desprezados ou superficialmente tratados pelos veículos jornalísticos periódicos, recuperando para o leitor a gratificante aventura pelo conhecimento, avançando para além das fronteiras do jornalismo para além dos limites convencionais que ele próprio se impõe. O produto *Fanatismo Organizado* pode ser enquadrado nestes moldes, e tanto com a denominação de *série de reportagens* como *grande-reportagem*, uma vez que apesar de citadas, ainda que indiretamente, em outros capítulos, as reportagens possuem vida própria e não necessariamente necessitam de outro capítulo para que se tenha compreensão dos fatos.

4 – PRODUTO

A minha proposta de desenvolver um livro-reportagem sobre a situação do problema da violência envolvendo as duas maiores torcidas organizadas do estado tem como principais metas fazer do livro um novo produto de informação no mundo do futebol, focando no que acontece além do cenário principal e que deveria ser o mais importante. Através de uma série de reportagem que compõe o livro procuro contribuir ao menos para a amenização da problemática da violência no meio do esporte. Sempre prezamos pela pluralidade de opiniões e pela contextualização de um fato a partir das mais variadas versões.

O livro foi editado com um design simples para facilitar a leitura. As reportagens podem ser tranquilamente enquadradas como *jornalismo de revista*, já que a maioria foge ao padrão do *jornalismo de web*, que geralmente tem textos mais curtos, mas também poderiam ser adaptadas para publicação em um periódico diário, ainda que sua produção não fosse possível neste formato. Procurei reproduzir diretamente a linguagem das arquibancadas, ainda que muitas destas carregadas de tensão e ameaças. É comum no livro encontrar as “vozes” dos próprios organizados, tanto em declaração feitas em entrevistas ou “soltas” na internet, como nos cânticos, muitos utilizados ao longo das reportagens. A pesquisa de seu a partir de 2006 e sofreu atualizações constantes ao longo destes quatro anos. A redação dos textos começou a ser feita entre o segundo semestre de 2009 e os primeiros cinco meses de 2010.

4.1- FILOSOFIA EDITORIAL

A regra primordial do livro *Fanatismo Organizado* é realizar uma cobertura jornalística pautada pelo profissionalismo, dos fatos e eventos relacionados ao crescimento dos casos de violência envolvendo integrantes de torcidas organizadas no estado da Bahia. A intenção de não é achar culpados, apenas mostrar fatos, sempre atento e preocupado à necessidade de entender o processo.

A filosofia editorial empregada tentar humanizar o debate, apresentando diferentes idéias e pontos de vista sobre as formas de amenizar o problema. O livro procura ouvir de forma ampla as idéias defendidas pelos dirigentes de torcidas, que muitas vezes criticam o trabalho da imprensa por consideram a cobertura superficial.

Ainda assim, *Fanatismo Organizado* não se constitui como uma defesa das organizadas. Suspeitos são tratados em determinadas situações como “supostos membros” uma vez que, já que não havia comprovação policial por meios legais de que o envolvido em alguma das atividades ilícitas citadas era mesmo um integrante de uma das torcidas, seria contra os princípios jornalísticos qualquer tipo de acusação sem comprovação.

Organizados, torcedores-comuns, agentes públicos e estudiosos são as principais vozes do livro. Os clubes e as entidades gestoras desportivas, Sudesb (Superintendência de Desportos do Estado da Bahia) e FBF (Federação Bahiana de Futebol) ainda que procurados em determinadas situações demonstraram falta de interesse em debater o tema, desconhecimento de causa e na maioria das oportunidades procuravam sempre “lavar as mãos” como se nada tivessem a ver com o problema. A FBF que em outras oportunidades chegou a promover ações de integração entre as torcidas rivais como na década de 80, quando organizadas de Bahia e Vitória chegaram a disputar a preliminar de um Bavi, hoje parece muito mais preocupada em achar medidas mais fáceis e de preferência sem custos, para preservar a ordem do seu espetáculo. Na prática suas ações pouco ou nunca são reconhecidas, assim como a Subesb, que faz muito pouco além de levar aos estádios faixas com dizeres pacifistas, pedindo aos espectadores que “torçam na paz”. Campanhas de apelo maior, em televisão, rádio e demais meios de comunicação, assim como ações práticas das entidades desportivas, incluindo os clubes, deveriam trabalhar em conjunto com as ações ostensivas do Ministério Público e das polícias Civil e principalmente Militar. No entanto, os agentes públicos que aparecem diretamente no processo, o que explica o importante papel destes na produção de *Fanatismo Organizado*.

4.2- PÚBLICO-ALVO

O trabalho é voltado a todos os interessados no consumo de informações relacionadas ao torcedor. O livro tem a intenção de encontrar no interessado pelo futebol o seu principal público-alvo. Admitindo que o simples fato de gostar do esporte não significa que o cidadão tenha interesse na leitura. No entanto, um determinado grupo de torcedores preocupados com o crescimento dos números de violência nos estádios e que não é um número pequeno, uma vez que pesquisas comprovam que mais

de 60% das pessoas que deixaram de frequentar estádios de futebol no país, retornariam se não fossem às torcidas organizadas.

Neste caso, o torcedor baiano, especificamente, ganha um maior destaque, uma vez que o livro trata da causa no âmbito local. Também jornalistas e estudiosos da área tanto na área da comunicação, onde me parece que a importância do torcedor parece ter sido reconhecida tardiamente, quanto na área da sociologia, esfera que estuda há alguns anos o comportamento dos torcedores e principalmente suas práticas e relações com a violência.

4.3 - PROFISSIONALIZAÇÃO DO PROJETO

Há a intenção da profissionalização deste projeto acadêmico de conclusão da graduação em jornalismo em um projeto profissional. Apesar da dificuldade de mercado de editoração no campo jornalismo como um todo, logo também baiano, pretendo após análise da banca examinadora, acolhendo as possíveis sugestões, trabalhar para adequar o projeto *Fanatismo Organizado* a uma posterior publicação profissional.

4.4 – ASPECTOS TÉCNICOS E DIFICULDADES

A produção do produto em termos de aspectos técnicos enfrentou problemas apenas durante a fase final, já que em termos de produção e redação foram usados os mais simples programas de edição de textos, o *Microsoft Word*, o *BR Office* e o *Q10*. Já na fase de editoração para a publicação não profissional do livro, foi utilizado o programa de edição de livros, revistas, sites e outras plataformas de comunicação, *Adobe Indesign CS*. Trabalhei na editoração inicial, ainda que com pouco domínio da ferramenta *Adobe Indesign CS*. A finalização do material ficou a cargo do diagramador Marllon Oiteiro, que sem custos, também foi responsável pela impressão de 15 cópias do livro na Gráfica. A ilustração da capa também ficou a cargo de Marllon Oiteiro que trabalhou em cima de fotografias de minha autoria feitas nos estádios de Pituacu e do Barradão.

4.4.1 – Dificuldades comuns e novas soluções

Durante a produção de *Fanatismo Organizado* encontrei dificuldades comuns a da maioria dos jornalistas, a principal dela, a dependência das fontes. A partir do momento em que o projeto passou a ser minha única (e última) prioridade na graduação passei a desenvolvê-lo com a intenção de apresentação em banca durante o semestre 2009.2. No entanto, algumas complicações me removeram da idéia, incluindo a dificuldade em obter relevantes informações das fontes. Isso inclusive foi responsável pelo desaparecimento de alguns capítulos do livro. Inicialmente não havia um número fixado de capítulos a serem escritos, isto foi ocorrendo naturalmente a partir do conhecimento de casos e informações de fontes. Alguns que chegaram a serem listados em determinado momento, terminaram não produzidos, como o que falaria sobre os distritos femininos e o que relataria casos de mortes por violência, física ou não, lamentadas pelas duas torcidas, mostrando uma solidariedade entre rivais, que devido às circunstâncias é algo raro. Problemas de logística, escassez de informação e reavaliações de pontos de vista foram determinantes para a não produção destes capítulos.

Porém o grande material de pesquisa recolhido ao longo de quatro anos já eram suficiente para o ponto de partida. Diretores de torcidas apesar de solícitos em muitas situações foram responsáveis pelos principais “chás-de-cadeira.” Membros das torcidas também tiveram bastante receio em conversar quando tomavam conhecimento de que se tratava de uma produção jornalística. Por isso em muitas situações, em que ouvi histórias e relatos, não estava presente como jornalista e sim como companheiro de arquibancada, amigo do amigo ou simples espectador. Minha experiência como freqüentador de estádios desde criança, também foi importante para recorrer a antigos conhecidos, cujas amizades nasceram ou cresceram nas arquibancadas da Fonte Nova.

Neste contexto se dá a importância da internet e suas redes sociais neste processo. Ferramentas como os sites de relacionamentos *Orkut*, de publicação de textos e imagens, *Blogger e Fotolog*, de interação através de microtextos, *Twitter* e de comunicação instantânea e e-mail, *MSN* foram fundamentais para a realização de *Fanatismo Organizado*. Se em tentativas de conversas presenciais ouvi como resposta a indagações sobre a morte do torcedor Hermílio Ribeiro Júnior, por exemplo: “Sobre esse assunto eu não falo”, “o cara já morreu, deixa isso pra lá”, por conversas através destas citadas redes sociais, informações ou versões novas, e que ainda em alguns casos não comprovadas, mereciam ser apresentadas. As *novas soluções* apresentadas pelas

novas mídias demonstram que o caminho do jornalismo pode ser facilitado bastante a partir da convergência dos meios em torno de novas tecnologias.

Estes meios foram fundamentais para burlar dificuldades iniciais. Algo a se destacar é que em alguns casos, as “fontes virtuais” solicitavam a preservação de suas identidades. Isso ocorreu em diversas situações, no entanto, as que continham algum tipo de acusação, foram apresentadas com o devido cuidado de não serem acompanhadas de juízo de valor e destacadas de que eram versões e de responsabilidade dos autores das declarações, ainda que evidenciando toda a minha responsabilidade com o que foi publicado. Ressaltando ainda, também neste caso, toda a prontificidade dos agentes públicos, Polícia Militar e membros do Ministério Público Estadual, que através da intermediação de suas assessorias de comunicação, facilitaram sempre que possível, no máximo, a realização do trabalho.

4.5 – CAPÍTULOS

A partir da idéia de aproximar o leitor ao máximo da realidade das organizadas decidi nomear os capítulos do livro com frases encontradas nos cânticos das duas torcidas. O pontapé inicial é dado em *Bola em Jogo*, espécie de introdução que norteia o leitor sobre o que ele irá encontrar nas páginas seguintes, deixando clara a devoção do autor pelo futebol, o encantamento com as torcidas e falta de entendimento para o porque de tanta violência, para na sequência enfim mergulhar no mundo das duas maiores organizadas da Bahia.

4.5.1 – "O terror vai começar"

O capítulo *O terror vai começar* trata do que considero o marco zero para o desenvolvimento do projeto, a morte da Hermílio Ribeiro Reis Júnior. Foram utilizadas pesquisas realizadas nos principais meios de comunicação do estado, assim como informações recolhidas pouco tempo após a morte do torcedor para a produção da matéria *Futebol Arruaça* para o *Jornal da Facom*. Entre os recursos utilizados, fóruns e redes sociais onde o caso obteve grande repercussão. O capítulo é aberto com um fato presenciado por mim no primeiro Bavi após o crime. O capítulo conta ainda com um apanhado histórico sobre a mutação do torcedor baiano e como o estado deixou de abrigar uma rivalidade pacífica para se tornar um verdadeiro campo minado. Por fim, a

partir de um depoimento de um torcedor, é apresentado um histórico com os primeiros confrontos entre organizadas no território baiano. A citação *O terror vai começar* se refere a um canto entoado geralmente pela Bamor antes da partida ser iniciada.

4.5.2 - "Nosso bonde é só lazer"

O capítulo *Nosso bonde é só lazer* apresenta a partir de declarações dos líderes das torcidas, o que eles consideram ser o ideal das organizadas. Trata do ideal passado através da pirâmide organizacional das torcidas. A possível relação entre as torcidas e facções organizadas é apresentada e debatida através do confronto de idéias. No capítulo, o leitor começa a ter idéia da perda do controle dos líderes sobre muitos dos seus comandados, situação confirmada a partir de declarações de integrantes sem cargos na direção, além da preocupação dos diretores sobre os rumos que suas torcidas podem seguir a partir do crescimento desenfreado da onda de violência envolvendo seus membros. O capítulo também cita projetos e ações sociais promovidas pelas torcidas organizadas. A citação *Nosso bonde é só lazer* se refere a um canto da torcida Bamor, que é uma versão da música *Papo de Jacaré* da banda *Piobox*.

4.5.3 - "Sai do chão, a maior do Nordeste"

O capítulo *Sai do chão, a maior do Nordeste* procura mostrar a relação de devoção do organizado para a sua torcida, por isto recebe o subtítulo de *Quando o amor a torcida é maior do que o amor ao clube*. O capítulo apresenta análises dos símbolos das torcidas, como as bandeiras, exemplificando a situação apresentada. Também são apresentados relatos de torcedores comuns sobre o tema, concluindo com uma pesquisa que trata do afastamento do torcedor comum dos estádios devido a presença dos organizados. A frase *Sai do chão, a maior do Nordeste* é cantada pela torcida Bamor durante as partidas e faz referência ao fato de se considerar a maior organizada do Nordeste do país.

4.5.4 - "Pula no estádio troca tapa e sai cantando"

Em *Pula no estádio troca tapa e sai cantando* apresento uma matéria sobre a prática do culto à violência. Para tanto utilizo como fio condutor as músicas cantadas pelos organizados nas arquibancadas. Neste capítulo há uma citação ao livro do jornalista norte-americano Franklin Foer, *Como o Futebol Explica o Mundo*, sobre a

polêmica que envolve os cânticos das arquibancadas, se seriam apenas um simples e inocente canto ou um verdadeiro ideal. A citação *Pula no estádio troca tapa e sai cantando* foi retirada de uma música cantada pela torcida Bamor em ritmo de *funk* carioca.

4.5.5- "Maior da capital, notícia na tv, na capa do jornal"

Em *Maior da capital, notícia na tv, na capa do jornal* é tratada a relação dúbia entre as organizadas e os meios de comunicação. O capítulo traça um paralelo sobre a importância para os organizados de ser notícia. A repercussão de crimes e atividades ilícitas tantos nos grandes veículos de comunicação como na mídia independente, através de *blogs* e *fotologs*. Também é tratada a necessidade de “publicizar” os fatos, mas sem “espetacularizar”, além de uma defesa de que a grande mídia procure entender o processo e não apenas apresente os fatos de forma superficial como normalmente é colocado. É necessário entender que o problema da violência no esporte é também um problema social e deve ser encarado como tal. A citação *Maior da capital, notícia na tv, na capa do jornal* é trecho de uma música cantada em ritmo de *funk* pela torcida Os Imbatíveis.

4.5.6- "Irmãos de sangue cantando esse refrão"

O capítulo *Irmãos de sangue cantando esse refrão* trata da história de dois irmãos, a quem trato como os *holligans de Cristo*. Os irmãos identificados no livro como Everton e Jefferson, tiveram seus nomes modificados por questão de segurança. Na verdade eles são Everson Santos Silva e Cleverson Santos Silva, respectivamente. Como amigo de infância de ambos tive facilitado o acesso à determinadas informações, como o ocorrido que abre o capítulo. Tive a liberdade de contar de forma mais detalhada a história dos irmãos justamente pela intimidade, o que fez com que as conversas entre jornalista e fontes, se transformassem em bate-papos descontraídos entre amigos. O capítulo conta situações vividas pelos irmãos a partir de informações dos próprios envolvidos. A citação *Irmãos de sangue cantando esse refrão* se refere a uma música da *Torcida Remoçada* do Clube do Remo do Pará, também cantada pelos Imbatíveis. As duas torcidas são aliadas.

4.5.7 - “Bonde sinistro, disposição: tem faca, caseira, pistola e rojão”

Em *Bonde sinistro, disposição: tem faca, caseira, pistola e rojão*, apresento o triste legado deixado pelo crescimento da rivalidade no nosso estado. As histórias são das mortes envolvendo a violência entre as torcidas mais repercutidas na imprensa, como o Bavi das duas mortes em 2007. Também se encontra depoimentos de integrantes das torcidas que se defendem das acusações criticando a generalização que liga imediatamente casos de vandalismo com ação de organizadas. Também é apresentada a versão da polícia que na maioria dos casos diz não ter como provar que os casos de violência têm relação direta com torcidas organizadas já que muitos dos crimes ocorrem longe dos estádios, em muitas vezes sequer em dias de jogos. A citação *Bonde sinistro, disposição: tem faca, caseira, pistola e rojão* um trecho de uma canção cantada em ritmo de *funk* carioca pela torcida Os Imbatíveis.

4.5.8 - “Se bater de frente eu vou ser seu pesadelo” – O canto de dor

Em *Se bater de frente eu vou ser seu pesadelo* dou prosseguimento aos casos de violência envolvendo organizadas na Bahia. No entanto os casos de violência relatos não tiveram a mesma repercussão dos apresentados no capítulo anterior, justamente por na maioria dos casos ocorrerem em “dias comuns” onde não tínhamos jogo acontecendo ao menos na cidade. Nestes casos, fica ainda mais complicado para a polícia relacionar os crimes com a ação de organizadas. A organização admite a impossibilidade de fazer o papel repressor longe dos estádios, o que de fato é praticamente impossível. Também é possível perceber que alguns dos envolvidos em crimes que supostamente teriam relação com as organizadas também apresentam relação com o tráfico de drogas. A citação *Se bater de frente eu vou ser seu pesadelo* é um trecho de uma canção cantada em ritmo de *funk* carioca pela torcida Bamor

4.5.9 - "Todo ‘imbatível’ é irmão"

Em *Todo ‘imbatível’ é irmão* apresento as complicações de uma grande família. Desde a dificuldade em saber a procedência das pessoas que passam a integrar a torcida, que inclusive podem não serem registradas, mas pelo uso do material da torcida passam a ser apontados como membro, até as discussões sobre as modificações no Estatuto do Torcedor, em tramitação no Senado Federal e que se aprovadas podem culpar criminalmente as organizadas pelos atos de violência praticados por seus integrantes. A

citação *Todo 'imbatível' é irmão* é um dos gritos de guerra entoados pela torcida Os Imbatíveis nos estádios para demonstrar a união entre seus membros.

4.5.10 - “Quem segura o porta estandarte tem arte”

Em *Quem segura o porta estandarte tem arte* procuro mostrar através do mais longo dos capítulos de que forma o estado contra-ataca. Através de conversas com os promotores públicos procuro expor o ponto de vista de quem estudas medidas para amenizar a situação da violência entre torcidas organizadas. O capítulo também apresenta o projeto de lei estadual a ser votada na Assembleia Legislativa da Bahia, além dos exemplos de como lidar como o problema e propostas de novas formas de entender e agir diante da situação que cresce de mãos dadas aos demais problemas sociais e de segurança pública vividos pelo estado brasileiro. A citação *Quem segura o porta estandarte tem arte* é um trecho de uma canção cantada pela torcida Os Imbatíveis como versão da música *Maracatu Atômico* da banda *Nação Zumbi*.

5- CONCLUSÃO

Ao longo da produção do livro-reportagem *fanatismo organizado*, tive a oportunidade de colocar em prática os ensinamentos aprendidos durante os cinco anos de vida acadêmica e durante o período em exercitei nas empresas jornalísticas onde estagiei. Indo a campo para familiarização com as fontes informativas, estudando pesquisas, relacionando dados, analisando e ouvindo especialista e lendo os mais variados tipos de publicação sobre o tema pude aprender muito sobre o tema.

Aprendi os caminhos, os benefícios e as dificuldades de tentar produzir um livro. Sem a necessidade de apresentar ao final de cada dia, ou muitas vezes de cada hora, resultados, como é de praxe na profissão de jornalista, muitas vezes hesitei, mas com o *dead line* servindo de musa inspiradora vi que está cobrança pode ser muito bem substituída pela satisfação a cada página concluída e por ver o projeto tomando forma. Apesar do apoio sempre disponível por parte do orientador do projeto, fui responsável por todo ele, desde a escolha das fontes, do porque da não entrada de determinados temas, dos erros, da apuração das reportagens, redação e finalização.

Com dedicação e afincado pude comprovar que é possível tirar do papel as nossas metas pessoais, por mais difíceis que sejam. A cada página finalizada era necessário recordar Chaplin, não por sua brilhante obra cinematográfica que sob os ensinamentos do professor André Setaro tornaram-se ainda mais admiráveis, mas por uma citação do artista aprendida ainda nos tempos de Colégio da Polícia Militar, de onde juntei os ensinamentos aprendidos sobre *honra, dever e retidão*, ao pensamento do gênio que certa feita disse: *Que nossos esforços desafiem as impossibilidades. Lembrai-vos das nossas proezas, elas foram conquistadas daquilo que parecia ser impossível de ser realizados.*

Escrever *fanatismo organizado* teve uma grande importância no sentido de permitir a manutenção da reflexão sobre o real papel do jornalista em nossa sociedade. Ouvi de vários lados fortes críticas ao trabalho jornalístico no que tange o problema das organizações, concordei com muitas, discordei de outras tantas, mas trouxe-as todas comigo, e sempre que necessário voltando a elas para de forma humilde evitar ao máximo as falhas. Acreditando que na responsabilidade social do jornalista, dando voz aos excluídos do processo comunicativo, levantando o debate a partir da apresentação

de informações, propiciando ao leigo tomar partido em um problema que é de todos nós, me mantive focado.

Durante o período de realização do trabalho foi possível perceber a paixão dos envolvidos por um esporte que encanta a tantos outros, como eu. Somente o amor poderia ser capaz de explicar a dedicação e devoção de muitos destes torcedores, organizados ou não, figuras que merecem todo o respeito. Que se doam para suas crenças, que por um time de futebol passam dias longe de casa, gastam altas quantias, fazem esforços inimagináveis. Assim, como pesquisadores, estudiosos e promotores que do mesmo modo mostraram a mesma gana e dedicação a suas respectivas missões, a seu trabalho e a busca de alguma contribuição para a sociedade. Exemplos que procurei me inspirar para chegar com ética e competência ao fim desta jornada.

As dificuldades foram constantes. Integrantes das diretorias das torcidas muitas vezes não foram tão solícitos, em outras pareciam receosos, sempre desconfiados. Semelhante a eles, agiram muitos dos seus comandados, estes, no entanto desde que lhe garantido o anonimato decidiam falar, contar histórias e estórias. Informações de inúmeros casos, a grande maioria de desconhecimento de polícia e líderes das torcidas. Alguns mostraram-se relevantes, após apurações e confirmações, outros ficaram pelo caminho, mas certamente vivo na mente de quem os viveu.

Cheguei às páginas finais ainda mais reflexivo do que quando iniciei. Também, triste ao lembrar de momentos como o choro da mãe do garoto Wesley, de apenas 14 anos e muitos sonhos, baleado após um Bavi. Mas esperançoso por lembrar de quantos abraços branco, azul, vermelho e preto presenciei. Por perceber que a grande maioria do torcedor sabe que não seria nada sem o seu querido rival. Esperançoso por ouvir de uma mesa de bar ao lado da minha, alguém dizer: “*Sem o Ba não existiria o Vi*”. E pelos puros e infantis sorrisos de jovens tricolores e rubronegros que desde cedo começam a entender que o fato de serem rivais, não faz deles inimigos.

Pretendo transformar o projeto acadêmico de conclusão da graduação em jornalismo em um projeto profissional, após as possíveis e bem-vindas sugestões da banca examinadora pretendo dedicar mais uma vez atenção a este projeto para adequá-lo e fortalecê-lo jornalisticamente para o mercado. Para a produção do ***fanatismo organizado***, procurei buscar esclarecimentos sobre os possíveis caminhos e as formas mais coerentes de viabilizar o projeto profissional. Portanto creio estar aberto a críticas e sugestões para o constante aprimoramento deste produto que consideramos ainda em estágio experimental. Carregando a devida consciência de que várias lacunas ainda

estão à espera de soluções e contando com o apoio e sugestão de todos os interessados para superar as dificuldades já detectadas, possa caminhar na direção da consolidação do produto.

6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MURAD, Maurício. **A Violência e o Futebol – Dos estudos clássicos aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

DUNNING, Eric. **Football on trial: spector violence and development in the football world**. London: Routledge, 1990.

BUFFORD, Bill. **Entre os vândalos: o futebol e a violência**. Porto: Edições ASA, 1994.

REIS, Heloísa H. B. **Futebol e Violência**. São Paulo: Autores Associados. 2006.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas Organizadas de Futebol**. São Paulo: Anpocs/Autores Associados, 1996.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**. São Paulo: Manole, 2003.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 1995.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão**. Rio de Janeiro: AnnaBlume, 2004.

SANTOS, Tarcyanie Caujeiro. **Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas**. São Paulo; AnnaBlume, 2004

BETTI, Mauro. **Violência em campo**. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer**. Rio de Janeiro: MAUD Editora, 2004.

COELHO, Eduardo. **Donos da bola**. Rio de Janeiro: Língua Geral , 2006.

Material obtido ou consultado na WEB

ATARDE, Jornal. Disponível em: <<http://www.atarde.com.br>>. Acesso em: 11 abr. 2010.

YOUTUBE. Disponível em: <<http://www.youtube.com>>. Acesso em: 15 mai. 2010.

ADETOR, Revista eletrônica. Disponível em: <<http://adotor.com.br/>>. Acesso em: 17 dez. 2009.

BRASIL, ESPN. Disponível em: <<http://espnbrasil.terra.com.br/>>. Acesso em: 15 mai. 2010.

PEREIRA, Mauro César. Blog ESPN. Disponível em:

<<http://espnbrasil.terra.com.br/maurocezarpereira>>. Acesso em: 15 abr. 2010..

BRASIL, Rivalidades. Disponível em:

<<http://rivalidadesbrasil.blogspot.com/2009/02/mtv-overdrive-torcidas-organizadas.html>>. Acesso em: 13 mai. 2010.

FUTEBOL, Universidade. Disponível em:

<<http://www.universidadedofutebol.com.br/>>. Acesso em: 13 mai. 2010.

NOTÍCIAS, UOL. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/>>. Acesso em: 13 mai. 2010.

BR, Perspectiva blog. Disponível em: <<http://perspectivabr.wordpress.com/>>. Acesso em: 14 mai. 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/>>. Acesso em: 14 mai. 2010.

INTERLEGE, Revista digital. Disponível em:

<<http://www.cchla.ufrn.br/interlegere/revista/pdf/3/ex02.pdf>>. Acesso em: 14 mai. 2010.

BAHIA, Esporte Clube. Site oficial. Disponível em: <<http://www.ecbahia.com/>>. Acesso em: 15 mai. 2010.

ESPORTES, IG. Disponível em:

<<http://esporte.ig.com.br/futebol/2009/12/14/sem+organizadas+60+voltariam+aos+estadios+segundo+pesquisa+9233791.html>>. Acesso em: 17 mai. 2010.

FUTEBOL, Rivalidade blog. Disponível em:

<<http://rivalidadenofutebol.blogspot.com/2010/03/novo-estatuto-ira-responsabilizar.html>>. Acesso em: 15 out. 2009.

RANGEL, Lúcio José. A Responsabilidade Civil das Torcidas Organizadas de Futebol, sob a ótica do Estatuto do Torcedor. Disponível em:

<http://www.soderotoledo.com.br/aritgo_lucio1.htm>. Acesso em: 17 mai. 2010.

ESPORTIVO, Portal. Disponível em: <<http://www.portalesportivo.com.br/>>. Acesso em: 17 mai. 2010.

ONLINE, Barradão revista online. Disponível em:

<http://www.barradaonline.com.br/revista_materia085.html>. 17 mai. 2010.

CLARÍN, Olé. Disponível em: <www.ole.clarin.com/diario>. Acesso em: 29 abr. 2010

NET, Lance! Disponível em: <www.lancenet.com.br>. Acesso em: 29 abr. 2010

BAHIANA, Federação. Disponível em: <www.fbf.org.br>. Acesso em: 29 abr. 2010

ESPORTE, Globo. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com>>. Acesso em: 17 mai. 2010.

Acesso em: 17 mai. 2010.

PÚBLICO, Ministério. Sítio oficial. Disponível em: < <http://www.mp.ba.gov.br/>>.

Acesso em: 17 mai. 2010.

CAPITAL, Notícia. Disponível em: < <http://www.noticiacapital.com.br/> >. Acesso em: 17 mai. 2010.

SENADO, Sítio oficial. Disponível em: < http://www.senado.gov.br>. Acesso em: 29 abr. 2010

LIVRE, Revista Eletrônica Permanente. Disponível em: < <http://www.livrevista.com/>>. Acesso em: 17 mai. 2010.